

No. 12561

**Série de Notas sobre a Guerra**

**N.º 135**

---

**O Governo Britannico promete restabelecer  
os judeus na Palestina**

**PUBLICADA PELO**

**Bureau da Imprensa Britanica em Lisboa**

---

**LISBOA**

**TYPOGRAPHIA DO ANNUARIO COMMERCIAL**

**Praça dos Restauradores, 24**

**1918**



1874

1874

THE UNIVERSITY OF CHICAGO  
PALESTINE

1874

1874

1874

1874

1874

# O Governo Britannico promete restabelecer os judeus na Palestina

---

## Efeitos da declaração

Produziu uma impressão profundissima e de grande alcance a promessa feita pelo Governo Britanico de estabelecer um Centro Nacional Judaico na Palestina.

Foi acolhida logo com entusiasmo pela imprensa e pelos homens publicos de todas as cores politicas e de todas as opiniões que lhe reconheceram uma notavel significação. Seria difficil, na verdade, encontrar outro fito concreto da guerra cuja publicação fosse recebida com uma aprovação tão universal. Os jornais de todas as côres estão de acordo em reconhecer como sendo uma resolução das mais memoraveis a restauração da Palestina á nação judaica. E não só os órgãos politicos; os órgãos religiosos exprimem o mesmo entusiasmo. O estabelecimento dum Centro Nacional Judaico na Palestina é tido como um grande fim politico e tambem moral. E' um grande fim politico porque constitue a solução ideal dos vastos problemas

que se ligam com o caminho maritimo entre o Oriente e o Ocidente, tão importantes para o Imperio Britanico. Quando começou a guerra compreendia-se mal o verdadeiro character destes problemas. A razão é facil de perceber. Durante mais dum seculo (certamente desde 1791 quando Pitt ameaçou declarar guerra á Russia) baseava-se a politica britanica na supposição que o melhor baluarte da comunicação britanica com o Oriente era a Turquia. Não se compreendia geralmente que em consequencia do Congresso de Berlim e principalmente da occupação britanica do Egypto a Turquia começou a afastar-se da Inglaterra e a inclinar-se para a Alemanha. Ainda mesmo quando a Turquia se aliou com a Alemanha contra a Gran Bretanha, muitos homens publicos e escritores inglezes não puderam libertar-se duma tradição obsoleta. Mas tudo isso acabou. O governo e todos os homens de valimento (fóra algum triste exemplo fiel ás velhas tradições) sabem que a nossa nova situação no mundo pedia uma revolução na politica. Já não descancamos no turco. Apoiamo-nos na revivificação e na restauração das nações e das terras sobre as quais o turco tem exercido a sua tirania — a Armenia, a Arabia e a Judéa. Não é presunção da parte da Comissão Britanica da Palestina reclamar que tem tido um papel importante nesta obra de educação e de conversão. Continuaremos no nosso labutar até completarmos a tarefa que nos impuzemos e até que se eleve das ruinas que constituíam o Imperio Otomano uma nova ordem.

E' tão aparente como a politica a significação moral duma Palestina judaica. Esta guerra tem servido para alargar a compreensão da natureza e do valor na nacionalidade. A vida actual não se deixa orientar por umas frases que nos legaram Mazzini e a «Idade da Luz», as quais mesmo quando se formularam, não passaram de toscas aproximações dum numero bem restrito de factos e hoje não são de nenhum valor. Compreende-se que o problema do povo judaico não se soluciona propondo á mais antiga e mais pertinaz das nações que se deixe assimilar completamente e que desapareça. Vê-se que isto não pode ser e que seria para o mundo uma perda sensível se fosse possível fazer-se. Os judeus formando uma nação, a sua liberdade espiritual restaurada e exercida onde só se pode exercer, isto é, na antiga patria judaica — eis um dos sonhos prometedores do futuro. A declaração feita pelo Governo britânico a favor duma Palestina judaica é aos olhos do mundo uma nova e notavel afirmação do proposito moral e da justiça da causa dos Aliados. Esteve nas mãos das Potencias Centrais o fazerem isto. Não o fizeram. Essa tarefa passou para a Inglaterra; será para ella uma corôa de gloria e ao mesmo tempo um labéu afrontoso para a Alemanha.

Os escritores alemães teem enchido as columnas da imprensa com insinuações que é facil á Inglaterra fazer pomposas promessas cujo cumprimento é fóra da sua competencia ou duma probabilidade bem remota. Por mais estúpido e

malicioso que seja não ha alemão que possa alegar isto com respeito á declaração do Governo britânico a favor duma Palestina Judaica. Por um feliz acaso publicou-se no proprio momento quando o exercito britânico retomava o ataque que vai livrando a Palestina da tirania turca. O exercito apóz o seu sêlo ao prometimento dos diplomatas: o feito confirma a palavra. A Inglaterra pode e quer levar a efeito essa declaração. Pode-se ter a certeza que a realisação do projecto não se demorará mais do que é absolutamente necessario. Assim que fôr possível, marchará a par do avanço militar.

Os judeus teem feito a confrontação desta Declaração com a Proclamação de Cyro, rei da Persia, que poz fim ao primeiro exilio. Nas margens do Tamisa existe um pequeno grupo que combateu a publicação da Declaração (exactamente como, provavelmente, os seus prototipos nas margens do rio de Babilonia protestaram contra a Proclamação de Cyro) esses ainda resmungam, porém acham-se numa minoria humilhante e isolada. Nenhum acontecimento politico tem trazido aos judeus da época presente um sentimento de exaltação comparavel com o que inspirou a Declaração em todas as classes judaicas do mundo. Para encontrarmos paralelo teriamos de recorrer aos dias de Ezra. E' um renascimento. Todas as instituições judaicas — sinagogas, sociedades de beneficencia, associações industriais — teem-se apressado a exprimir a sua gratidão sincera e renovar os seus protestos de dedicação ao Governo britânico.

co por este acto memoravel de libertação nacional. A's modernas manifestações, por meio de reuniões e resoluções, tem seguido o antigo modo de acções de graças solenes nos edificios do seu culto. Assim como no Imperio britanico, tambem nos Estados Unidos ha uma grande onda de reconhecimento e dedicação e quando a Russia sair do cáos em que se acha presentemente, ver-se-ha ali o mesmo impulso de gratidão. O regosijo não se limita aos judeus aliados ainda que tenha uma expressão mais franca nos paizes aliados. Em toda a parte onde existe no coração do judeu o sentimento nacional a declaração do Governo britanico vem como o nascer do sol depois duma noite tenebrosa.

Existem alemães que apresentam como convicção sua que o interesse tomado pela Gran Bretanha, a America e os Aliados na restauração da Palestina judaica não passa dum expediente insincero e ardiloso no intuito de atrair, para fins militares, a simpatia do povo hebraico durante a guerra. Provam assim uma ignorancia extraordinaria — ignorancia que deve dissipar a publicação da Declaração e os progressos feitos pelo general Allenby — ; porém provam compreender devidamente as vistas politicas das medidas tomadas pelos Aliados. Apesar de não ter sido por calculo da conveniencia tactica que os Aliados se comprometeram a restaurar a Palestina judaica, contudo, obedecendo ao seu ideal, encontraram o caminho da vantagem politica. O justo neste caso é tambem o proveitoso. Acertaram os alemães quando descobriram que

a reclamação universal dos judeus é a restauração da Palestina. Os acontecimentos prová-lo-hão — á custa da Alemanha.

### **Armenios, Arabes e Judeus**

«Tendo lido na imprensa que o Governo britânico tinha dado expressão dum modo formal á sua simpatia pelo projecto da reconstituição da Palestina como patria do povo judaico, o Conselho da Associação Unida Armenio de Londres, na reunião efectuada nas salas da Associação em 10 de novembro de 1917.

Resolveu registar a satisfação completa que lhe inspira tal facto e enviar as suas felicitações sinceras e cordeais e ao mesmo tempo saudações de boa amisade ao Presidente, dr. Ch. Weizmann, á Comissão e aos membros da Federação Zionista da Gran Bretanha e por meio deles a todos os outros chefes e organizações Zionistas e em particular aos dos Estados Unidos, da Russia, França, Italia, Polonia e Romania pelo reconhecimento da nacionalidade judaica e do seu direito justificado e inalienavel ao territorio e á patria historica dos seus antepassados.»

A resolução supra será recebida com jubilo não só por todo o judeu, mas tambem por todo o individuo de imaginação politica qualquer que seja a sua raça. Entre armenios e judeus ha pontos de paridade notaveis. Um é a persistencia da nacionalidade armenia atravez longas ge-

rações de opressão; outro é a camaradagem no sofrimento; o terceiro é uma certa harmonia entre o Ocidente e o Oriente. A sobrevivencia da nação armenia é um milagre politico quasi tão maravilhoso como a dos judeus. Se os judeus souberam conservar no exilio a sua qualidade nacional, os armenios, submetidos a uma tirania estrangeira e apartados dos seus compatriotas ocidentais por um mar de elementos diferentes e muitas vezes hostís, teem sabido resguardar a vida e a esperança. Em circumstancias tão crueis só uma fortaleza moral de character elevado e uma rara virtude espiritual podiam preservar a integridade duma nação. Entre todos os povos que teem sofrido nesta guerra, nenhum ha que tenha passado tormentos comparaveis com os dos armenios. Os judeus teem visto um irmão armado contra outro, teem visto as suas habitações arrazadas pelos exercitos, a sua existencia feita o joguete dum governo tirano; porém, pelo menos escaparam ao final extremo da desgraça — serem as victimas duma conspiração organisada e systematica dum governo cujo fito era extinguir a raça: eis a triste sorte dos armenios.

E' licito duvidar, apesar de tudo quanto se tem publicado, que se compreenda geralmente o horror dos massacres praticados nos armenios durante a guerra. Os tartaros, quando invadiram a Asia Menor, massacraram. Porém massacraram os seus inimigos. Aos seus descendentes espirituais, os Jovens Turcos, cabe a infamia de levar ainda mais longe essa logica e

de apoiar a estrategia e a sciencia de governar na carnificina dos seus proprios subditos. Decidiu o partido que domina na Turquia que seria de conveniencia politica e ao mesmo tempo proveitoso a certos individuos a aniquilação dos armenios e teem levado a efeito essa politica com todo o rigor possivel. Os anais da Alemanha ficam manchados pela nodoa indelevel que ella nada fez para impedir essa atrocidade e que mesmo alguns alemães colaboraram nela. Os acontecimentos provar-lhe-hão que isto foi não só um grande crime como tambem um grande erro.

Tem-se definido a politica aliada na Turquia como a redenção e o renascimento das nacionalidades oprimidas. Tres povos teem já recebido da mão dos Aliados a sua carta de liberdade e de nacionalidade — os judeus, os arabes e os armenios. Estes tres povos são as nacionalidades reconhecidas da Turquia asiatica; a eles compete fazerem-se os arquitétos do novo Oriente Central. Não estão todos elles na mesma fase de evolução politica e social, porém estão empenhados na mesma tarefa e convém que assim o compreendam quanto antes. Entre elles não ha motivos de rivalidade. Está bem definida a esfera de cada um e nenhum deles pode desejar imitar e transplantar na Europa para o Oriente Central a baixa ambição do dominio e da expansão, a qual é responsavel pelos males actuais que oprimem o mundo. Instamos, portanto, com os chefes dos movimentos nacionais dos judeus, dos armenios e dos arabes que se habituem a

considerar que as tres nacionalidades estão cooperando numa obra sublime de civilisação, na qual cada uma tem a sua tarefa distinta.

### Corografia militar da Palestina

Não ha paiz que tenha uma historia militar tão antiga como a Palestina, nenhum paiz em que a corografia e a politica tenham tido uma relação tão intima.

Na historia da Palestina o facto principal é a existencia duma grande estrada que, partindo do Egypto, passa entre as montanhas da Judéa e da Samaria dum lado e o mar do outro e, atravessando o Monte Carmel por varios desfiladeiros faceis, penetra na planicie de Esdraelon, depois seguindo directamente para leste, alcança o Jordão, o qual atravessa perto de Bethshan e, tomando logo uma direcção norte, vai até Damasco. Eis o caminho historico de invasão, viesse ella do norte ou do Egypto. Os pontos mais importantes nessa estrada são Gaza, a entrada pelo lado do Deserto Sinai; Megiddo, o principal dos desfiladeiros entre a planicie maritima e a de Esdraelon; Bethshan, perto da passagem do Jordão. A não ser durante o Protectorado romano estes tres pontos estrategicos nunca estiveram ao mesmo tempo na mão dos judeus. Este facto influiu profundamente no curso todo da historia judaica. Esta grande estrada era franqueada a todos, excepto aos Judeus. O extremo sul que estava na posse dos Filisteus fechava aos judeus todo o acesso ao

mar. A planície de Esdraelon, constantemente exposta a correrias invasoras, separava completamente a Galilea da Samaria e por isso poucas vezes vem citada na historia do *Velho Testamento*. O Reino da Galilea, exposto aos invasores, corria sempre o perigo de perder o seu character judaico e de cair sob a influencia temporal e espiritual dos seus visinhos mais poderosos. Quando Bethshan se achava em mãos inimigas, a posse dos territorios a leste do Jordão era extremamente precaria. Numa palavra, faltavam as condições necessarias para assegurar uma independencia politica rigorosa. O dominio completo dum extremo ao outro desta grande estrada é a primeira condição da Palestina politica. A segunda condição é o livre acesso ao mar por todos os lados — a oeste ao Mar Mediterraneo, aos mares indios por Akabah e ao mar do deserto. A terceira condição está numa fronteira razoavelmente segura da parte do norte.

Todas as grandes lutas militares de que reza a historia judaica do *Velho Testamento* tiveram como theatro esta celebre estrada de entroncamento. Dominando a planície maritima da Filistia, as dunas ou Shephelah servem como de postos avançados á grande muralha do planalto judaica. Foi aqui que Sansão praticou as suas proezas; aqui os filisteus e os judeus faziam as suas mutuas invasões depredatorias. A velha teocracia deu lugar á monarquia porque a força crescente dos filisteus ameaçava de separar a parte norte da parte sul da Palestina e a des-

truição em Gilboa, ao lado sul de Esdraelon da primeira casa real prova que os seus desejos estiveram prestes a cumprirem-se. Ergueu-se então a casa de Judah que fixou a capital do reino em Jerusalem, cidade que se achava protegida pelo baluarte natural das montanhas. Porém a união do paiz sob o governo de Jerusalem era artificial porque o verdadeiro centro era Samaria, incomparavelmente mais rica. No extremo occidental da planicie de Esdraelon foi onde Deborah ganhou as suas vitorias sobre Sisera, egypcio como indica o seu nome, o qual, desde a vizinhança de Acre, governava a Galilea por meio de feudatarios; e no extremo oriental Gideon desbaratou os Midianitas; no desfiladeiro de Megiddo, entre Sharon e Esdraelon, sofreu Josias, um dos ultimos reis de Judah que estava reduzido a principe tributario da Assyria, uma derrota desastrosa ás mãos dum invasor egypcio, cujo progresso pelo seu paiz Josias procurava suster. A historia subsequente da Palestina é a repetição em escala maior da primitiva historia militar contada na *Biblia*. Gaza conserva a sua importancia como entrada sul para a Palestina desde as expedições anuais de Ramsés, atravez dos tempos dos Macabeus e de Alexandre Magno até ao tempo de Napoleão e da guerra actual. Os arabes mahometanos, assim como os primeiros hebreus, conquistaram a Palestina vindos de leste atravez do Jordão. As campanhas de Judas Macabeu contra os generais gregos são a repetição das primeiras campanhas dos israelitas contra os filisteus e o prognostico

das campanhas das cruzadas contra o Saladim no vale de Ajalon. Como fez o Saladim, Judas Macabeu defendeu também a passagem do Shephelah contra as manobras de Nicanor e dos outros gregos. Bethshan, ou Scythopolis, que foi theatro da derrota final de Saul e das mais famosas razzias de Judas Macabeu, foi também o local onde os arabes desbarataram os bisantinos e o ponto em volta do qual se deram as mais rijas pelejas das Cruzadas. O Imperio Latino de Jerusalem desintegrou-se pelas mesmas razões que impediram aos reinos judaicos alcançarem grandeza — isto é, a falta de estabelecer uma fronteira setentrional adequada. Diferre porém a estrategia das Cruzadas, pois nelas pela primeira vez na historia da Palestina, as forças maritimas tiveram um papel importante. Mercê da cooperação dos italianos, os cruzados puderam avançar pela costa do mar. A tomada de Jerusalem, grande successo da primeira Cruzada, deveu-se porém ao facto de se acharem divididos os mahometanos e também porque os reforços que se esperavam do Egypto não chegaram a horas. Os ultimos cruzados viam no Egypto a verdadeira chave do Oriente.

Vem demonstrado repetidas vezes na historia judaica a verdade que no sentir militar constitue um só todo o territorio que se estende desde o Egypto até ao Tigre. Ainda não estão explicados os motivos que determinaram a politica de Roma durante o primeiro seculo do Imperio; parece, contudo, bem evidente que a politica pro-judaica adoptada por Julio Cesar

não se inspirou méramente na gratidão sentimental que lhe valeram os serviços prestados pelos judeus, mas também na idéa que esse povo poderia ser útil para levar a efeito as suas ambições asiaticas. A perspicacia militar de Julio Cesar reconheceu a imensa importancia da Palestina em rasão da sua posição geografica e também do character dos seus habitantes; Julio Cesar parece ter concebido a idéa que esse povo poderia servir de interprete de Roma no Oriente. Não ha outro modo de explicar a amisade persistente testemunhada por Antonio para com Herodes (a despeito dos zelos implacaveis de Cleopatra e a tolerancia notavel com que foi tratada Jerusalem durante o primeiro seculo). A historia tem sempre adoptado o ponto de vista de Josephus que atribue a revolta dos judeus contra o Imperio Romano no tempo de Nero a uma méra explosão de fanatismo feroz; porém Josephus não passa duma testemunha parcial. Era renegado e o fito principal da sua historia é a justificação da politica imperial de Roma. Não haveria na verdade mais que fanatismo na revolta dos judeus? Não terão tido de combinação com a Parthia a idéa de fundar um Imperio do Oriente que se estendesse desde os limites do Egypto até á Persia, antecipando assim em alguns seculos o enorme Imperio dos Khalifas arabes?

Portanto os principais factos da corografia militar da Palestina são: 1) a grande estrada de entroncamento; 2) o grande baluarte dos planaltos judaicos, protegido ao sul pela grande

*glacis* natural do Negeb pedregoso, a oeste pela muralha do planalto e os postos avançados do Shephelah e ao norte pelo estreito desfiladeiro que une os terrenos elevados da Judea com a Samaria; 3) a ausencia duma forte fronteira natural ao norte ou a oeste além do Jordão dentro dos limites da área sobre a qual se estendia a autoridade do Estado Judaico. Eis os factos que convem estarem bem presentes quando chegar a ocasião de marcar as futuras fronteiras da Palestina.

### O avanço britânico e as Colonias Judaicas

A' medida que avançam pela Palestina as tropas británicas e que os cumunicados nos dão os pormenores do seu progresso, nota-se que os logares onde o inimigo oferece maior resistencia não se encontram nos mapas ordinarios. Esses logares são as colonias judaicas que não veem indicadas geralmente nos atlas. Estas colonias judaicas são as unicas aldeias construidas em pedra nas planicies da Filistia e Sharon; as aldeias arabes constroem-se sempre de tijolos queimados ao sol. E' natural portanto que o inimigo escolha estas colonias como base para os seus combates de retaguarda que devem deter o nosso avanço.

Damos em seguida uma nota concisa das colonias judaicas situadas na Judea: 1) na planicie da Filistia; 2) no terreno montanhoso do Shephelah; 3) nas montanhas de Judah; 4) na pla-

nicie de Sharon. Seguimos a ordem em que os exercitos encontrarão provavelmente estas colonias, isto é, de sul para norte.

### 1. Colonias Judaicas na Planicie Maritima

1. Ruchamah (Djemama), onze milhas a leste de Gaza. Estabelecida em 1911 por uma sociedade de judeus russos de Moscow. Quinhentos e oito hectares. Cultura principal — trigo.

2. Kastinieh (Kustineh), 17 milhas ao norte de Ruchamah, no Wadyel-Burshein, afluente do Nahr Sukereir. Estabelecida em 1895 por judeus russos, 640 hectares. População, 180. Cultura principal — trigo, sésamo, cevada, fava e amendoa.

3. Gederah (Katrah), 6 milhas ao norte de Kastinieh. Estabelecida em 1884 por um grupo de estudantes russos. 544 hectares. População, 150. Produtos principais — amendoa, maizena e vinho.

4. Huldah (Kuldeh), 7 milhas a leste de Katrah e duas milhas ao norte da estação ferroviaria de Sedjed, numa altitude de 70 metros. Estabelecida em 1909 pelo Fundo Nacional Judaico. 180 hectares. População, 40.

5. Ekron (Akir). O antigo Ekron foi uma das cinco cidades fortificadas dos Filisteus e séde do santuario do celebre deus das moscas, Baal-Zebuh. A quatro milhas a nordeste de Katrah, na estrada de Ramleh e Lydda, altitude 60 metros. Estabelecida em 1884 pelo barão Edmundo de Rothshild, de Paris. Os colonos são judeus rus-

sos e romenos. 1:430 hectares. População, 320. Produto principal — trigo; ha tambem plantações de amendoeiras e herdades leiteiras.

6. Rechobth (Dar'ân). No Wadi Dar'ân: a antiga Shaarai'm da *Biblia*, ou Parin, segundo vem citado no Talmud. Quatro quilometros ao norte de Ekron e seis quilometros ao sudoeste de Ramleh. Foi fundada em 1890 por um grupo de judeus da Polonia e da Lituania. 1:300 hectares. População, 900, incluindo 270 judeus arabes vindos de Yemen. E' uma colonia muito prospera; produz amendoa, laranja, vinho, figo, e tambem trigo, cevada, melão, banana e hortaliças.

7. Bir Yacob. Duas milhas ao nordeste de Rechobot e duas milhas a oeste de Ramleh. Fundou-se em 1907 como colonia para operarios; os habitantes são em parte judeus dos Caucasos. 200 hectares. População, 70. Produtos — plantações de amendoeiras e hortaliças.

8. Wadi-el-Chanin. Quatro milhas a oeste de Ramleh. Fundada em 1882 por judeus vindos da Russia. 300 hectares. População, 200. Produtos — laranja e amendoa.

9. Rishon-le-Zion (Ayûn Kara). Seis quilometros a oeste de Lydda; altitude 80 metros. Fundada em 1882 por judeus russos. 1:270 hectares. População, 1:200. Centro principal da viticultura na Palestina. Amendoais e laranjais.

10. Nachalath Yehudah, no arrabalde norte de Rishon-le-Zion. Colonia para operarios fundada em 1913.

11. Ben Shamen, a uma milha ao nordeste

de Lydda. Propriedade do Fundo Nacional Judaico. Fundada em 1910. População, 100. Grandes plantações de oliveiras e outras arvores de fruto; herdade modelo para ensino de trabalhadores judeus.

12. Mikveh-Israel, ao sudeste de Jaffa, no caminho para Jerusalem. Escola de agricultura da *Alliance Israelite Universelle* de Paris. Estabelecida em 1870. 250 hectares. 150 alunos.

13. Tel Aviv, nos arrabaldes de Jaffa, ao norte. A primeira colonia urbana dos judeus; vilajardim. Fundada em 1909. Numerosas escolas. População, 1:600.

## 2. Colonias Judaicas no Districto Montanhoso (Shephelah)

1. Artuf. A' entrada do vale de Sorek, a 20 km. a oeste de Jerusalem. Fundada em 1896. 500 hectares. População, 100. Produtos — cereais e amendoais.

2. Kefar Uriah. Entre Artuf e Huldah. Fundada em 1913 por Zionistas russos. 170 hectares.

3. Abu Shusheh. A 9 km. ao sudoeste de Ramleh. Fundada em 1912.

## 3. Colonia Judaica nos Montes de Judah

Mozah (Khurbet Beit Mizzah). Seis km. a oeste de Jerusalem no caminho de Jaffa. Fundada em 1893. 100 hectares. Produtos — uva, azeitona, legumes e trigo.

#### 4. Colonias Judaicas na Planicie de Sharon

1. Petach Tikvah (Mulebbis). 14 km. a nordeste de Jaffa, perto do rio Audja, a maior das colonias judaicas. Fundada em 1878. 3.000 hectares. População 3.000. Importantes trabalhos de irrigação. Numerosas escolas; escola elementar de agricultura. Vinhas, laranjais, limoais, amendoais, cereais; leite e queijo. Desde 1890 aumentou doze vezes o valor do terreno.

2. Ain Ganin. Nos arrabaldes nordeste de Petach Tikvah. Colonia de trabalhadores. Estabelecida em 1910. 300 hectares. População 100.

3. Kefar Saba (Kafr Saba). A 25 km. para nordeste de Jaffa. Colonia de trabalhadores. Fundada em 1904. 700 hectares. Cultura quasi exclusiva de amendoais; alguns olivais e plantações de eucaliptos.

Tais são as colonias judaicas da Judea, que existiam ao romper da guerra e até o avanço do exercito britânico. Os turcos tinham expulso de Jaffa toda a população judaica e a maior parte dos habitantes das colonias judaicas durante os primeiros mezes de 1917; porém as colonias não sofreram dano apreciavel antes do avanço actual. As casas de habitação e outras construções teem sido demolidas, porém não é provavel que o mesmo tenha acontecido a todas as plantações. Deve-se procurar por todos os meios possiveis poupar as arvores e restabelecer o que se tenha destruido.

Será preciso enviar trabalhadores agricolas

que conhecem as colonias e sabem tratar das arvores frutiferas; esses trabalhadores encontrar-se-hão sem duvida no Egypto por entre os refugiados judaicos que sahiram da Palestina. Entre estes ha tambem mecanicos e outros operarios que voltarão gostosamente para a Palestina afim de reconstruir as colonias arruinadas.



